

Um Universo Carregado da Grandeza de Deus: Teísmo Cristão

James W. Sire

O mundo está carregado da grandeza de Deus.
Vai chamejar – chispas em sacudidas folhas de metal;
Vai expandir-se – óleo que impressado escorre, tal e qual,
E alaga. Por que o homem não teme o açoite dos céus?
Gerard Manley Hopkins

No mundo ocidental, até o fim do século XVII, a cosmovisão teísta era claramente dominante. Disputas intelectuais — e havia tantas quantas há hoje — eram, em sua maioria, disputas familiares. Dominicanos podiam discordar de jesuítas, jesuítas de anglicanos, anglicanos de presbiterianos, *ad infinitum*, mas todas essas partes concordavam com o mesmo conjunto básico de pressuposições. O Deus da Bíblia, triúno e pessoal, existia; Ele se revelara a nós e podia ser conhecido; o universo era sua criação; os seres humanos eram sua criação especial. Se as batalhas vinham à tona, elas aconteciam dentro das fronteiras teístas.

Por exemplo, como conhecemos a Deus? Pela razão, pela revelação, pela fé, pela contemplação, por procuração, por acesso direto? Essa luta teve seu campo de batalha em muitas frentes durante dezenas de séculos e ainda permanece com suas questões remanescentes no campo teísta.

Observe, por exemplo, a seguinte questão: o componente básico do Universo é apenas matéria, apenas forma ou uma combinação dos dois? Os teístas ainda debatem sobre essas questões; Qual o papel desempenhado pela liberdade humana num universo onde Deus é soberano? Mais uma vez, uma disputa familiar.

Durante o período que vai do início da Idade Média até o fim do século XVII, muito poucos desafiavam a existência de Deus ou sustentavam que a realidade final era impessoal ou a morte significava a extinção individual. A razão era clara. O cristianismo havia penetrado tanto no mundo ocidental que, quer as pessoas acreditassem em Cristo, quer agissem como cristãos, todas viviam num contexto de idéias influenciado e informado pela fé cristã. Até aqueles que rejeitavam a fé muitas vezes viviam sob o medo do fogo do inferno ou das angústias do purgatório. Pessoas más podem ter rejeitado a bondade cristã, mas reconheciam a si mesmas como más, basicamente pelos padrões cristãos — rudemente entendidos, sem dúvida, mas cristãos em sua essência. As pressuposições teístas que estavam por trás dos valores já vinham no leite materno.

É claro que muito dessa convicção não é mais verdade. Ter nascido no Ocidente não garante mais nada. As cosmovisões proliferaram. Se você indagasse qualquer pessoa que encontrasse durante um passeio pelas ruas de qualquer grande cidade européia ou americana, ela lhe responderia prontamente com qualquer um de uma dúzia de padrões distintivos de compreensão sobre o que é a existência. Quase nada é bizarro para nós, o que torna mais e mais difícil às hostes de programas de auditório conseguirem bons índices de audiência chocando seus telespectadores. Considere o problema educacional de uma criança nos dias de hoje.

Jane, uma criança do século XX do mundo ocidental, freqüentemente tem sua realidade definida de duas vastas e divergentes formas — a de seu pai e a de sua mãe. Quando a família se separa, o juiz pode entrar com uma terceira definição da realidade

humana. Essa situação coloca um problema distinto de como decidir qual é o verdadeiro aspecto que o mundo realmente assume.

João, uma criança do século XVII, contudo, foi embalada num consenso cultural que fornecia um sentido de lugar. O mundo que o circundava estava realmente presente — criado por Deus para existir. Como vice-regente de Deus, o jovem João sentia a outorga de domínio sobre o mundo. Ele era levado a adorar a Deus, mas Deus era certamente digno de adoração. Ele era levado a obedecer a Deus, mas essa obediência significava a verdadeira liberdade, uma vez que esse era o propósito para o qual as pessoas tinham sido criadas. Além disso, o jugo de Deus era suave e Seu fardo, leve. Seus decretos eram vistos como primariamente morais, quando as pessoas eram livres para ser criativas em relação ao universo externo, livres para aprender seus segredos, livres para moldá-lo como mordomos de Deus, cultivando o jardim divino e oferecendo seu trabalho como fruto de verdadeira adoração diante do Deus que honra sua criação com liberdade e dignidade.

Havia uma base tanto para o significado como para a moralidade e também para a questão da identidade. Os apóstolos do absurdo ainda não tinham chegado. Nem mesmo o Rei Lear, de Shakespeare (talvez o herói mais “perturbado” da Renascença inglesa) não terminou em total desespero. Suas peças posteriores sugerem que ele também superou o momento de desespero e encontrou finalmente um significado para o mundo.

É apropriado, portanto, iniciar o estudo sobre as cosmovisões a partir do teísmo. É a cosmovisão fundamental, da qual todas as outras essencialmente derivaram e se desenvolveram entre os anos 1700 e 1900. Seria possível retornar ao tempo anterior ao teísmo, ao classicismo greco-romano, mas, mesmo assim, quando ele ressurgiu na Renascença, era visto quase somente dentro do referencial teísta.¹

Teísmo cristão básico

Cada cosmovisão considera as seguintes questões básicas: a natureza e o caráter de Deus ou realidade final, a natureza do universo, a natureza da humanidade, a questão do que acontece quando uma pessoa morre, a base do conhecimento humano, a base da ética e o significado da história.² No caso do teísmo, a proposição principal relaciona-se à natureza de Deus. Uma vez que esta primeira proposição é tão importante, gastaremos mais tempo com ela do que com qualquer outra.

¹ Um dos estudos mais fascinantes sobre este assunto é encontrado no livro de Jean Seznec, *The Survival of the Pagan Gods* (Nova York: Harper & How, 1961), cujo argumento é de que os deuses gregos se tornaram “cristianizados”; citando Juliano, o Apóstata, que disse: “Thou hast conquered, O Pale Galilean” [“Tens vencido, ó Pálido Galileu”].

² Vários livros sobre a cosmovisão cristão têm sido publicados desde as primeiras edições do presente livro. Os que mais se destacam são *Contours of a Christian Worldview* de Arthur F. Holmes (Grand Rapids, Mich: Eerdmans, 1983); *The Making of a Christian Mind*, de Arthur F. Holmes, ed. (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1985); *Making Sense of Your World from a Biblical Viewpoint*, de W. Gary Phillips e William E. Brown (Chicago: Moody Press, 1991); e *The Transforming Vision: Shaping a Christian World View*, de Brian Walsh e Richard Middleton (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1984) e *Truth Is Stranger Than It Used to Be* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1995). Outro livro de minha autoria, *Discipleship of the Mind* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990), elabora o tema do presente capítulo.

1. Deus é infinito e pessoal (triúno), transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom. ³

Vamos dividir essa proposição em partes.

Deus é infinito. Isso significa que Ele está além do espaço vital, além de medidas, no que se refere a nós. Nenhum outro ser no universo pode confrontá-lo em sua natureza. Tudo mais é secundário. Ele não tem semelhante, mas somente Ele é o ser-total e o fim-total da existência. Ele é, na verdade, o único ser auto-existente. ⁴ Como o SENHOR Deus falou a Moisés fora da sarça ardente, “Eu sou o que sou” (Êxodo 3:14). Ele *existe* de uma forma em que ninguém mais existe. Como Moisés proclamou, “Ouve, Ó Israel: O SENHOR nosso Deus é o único SENHOR” (Deuteronômio 6:4). Assim, Deus é a única existência primordial, a única realidade primordial e, como desenvolveremos mais adiante, a única fonte de toda e qualquer realidade.

Deus é pessoal. Isso significa que Deus não é uma simples força, energia ou “substância” existente. Deus é *ele*; isto é, Deus tem personalidade. Personalidade requer duas características básicas: (1) auto-reflexão e (2) autodeterminação. Em outras palavras, Deus é pessoal porque sabe quem ele próprio é (ele é auto-consciente) e possui as características da autodeterminação (ele “pensa” e “age”).

Uma implicação da personalidade de Deus é que ele é como nós. De certa forma, isso coloca a carruagem antes dos bois. Na verdade, somos como ele, mas será conveniente deixarmos isso de lado, pelo menos para um breve comentário. Ele é como nós. Isso significa que ele é *alguém* final que existe para fundamentar nossas mais altas aspirações, *nossa* mais preciosa possessão — a personalidade. Mas, há muito mais sobre isto na proposição 3.

Outra implicação da personalidade de Deus é que Deus não é uma simples unidade, um número inteiro. Ele tem atributos, características. Ele é uma unidade, sim, mas uma unidade de complexidade.

De fato, no teísmo cristão (não no judaísmo), *Deus não é apenas pessoal, mas triúno.* Isso é, “dentro de uma essência da Divindade temos de distinguir três ‘pessoas’, que, por um lado, não são três deuses, nem por outro três partes ou modos de Deus, mas co-iguais e co-eternos com Deus”. ⁵ A Trindade é sem dúvida um grande mistério, e não podemos nem mesmo começar a elucidá-lo agora. O importante aqui é observar que a Trindade confirma a comunhão, a natureza “pessoal” do ser final. Deus não apenas existe — um ser verdadeiramente existente — ele é pessoal e nós podemos relacionar-nos com ele de maneira pessoal. Conhecer a Deus, portanto, significa conhecer mais do

³ Uma definição protestante clássica de Deus é encontrada na Confissão de Westminster, II, 1: “Há somente um Deus vivo e verdadeiro, que é infinito e perfeito no seu ser, o espírito puro mais elevado, invisível, sem corpo, partes ou paixões, imutável, imenso, eterno, incompreensível, todo-poderoso; o mais sábio, o mais santo, o mais livre, o mais absoluto, trabalhando todas as coisas segundo o conselho da sua própria imutável e mais justa vontade, para sua glória; o mais amoroso, gracioso, misericordioso, abundante em bondade e verdade, perdoador a iniquidade, a transgressão e o pecado; recompensador daqueles que diligentemente o procuram; e mais justo e terrível em seu julgamento; abominando todo pecado e aquele que absolutamente não inocenta o culpado.”

⁴ Para a consideração de um conceito teísta de Deus de um ponto de vista da filosofia acadêmica, veja H. P. Owen, *Concepts of Deity* (Londres: Macmillan, 1971), pp. 1-48. Outras questões metafísicas consideradas aqui são discutidas em William Hasker, *Metaphysics* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1983); C. Stephen Evans, *Philosophy of Religion* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1985); e Thomas V. Morris, *Our Idea of God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1991).

⁵ Geoffrey W. Bromiley, “The Trinity”, em *Baker’s Dictionary of Theology* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1960), p. 531.

que sua existência. Significa conhecê-lo como conhecemos um irmão ou, melhor, nosso próprio pai.

Deus é transcendente. Isso significa que Deus está além de nós e do nosso mundo. Ele é *diferente*. Veja uma pedra: Deus não é ela; Deus está além dela. Veja um homem: Deus não é ele; Deus está além dele. Apesar disso, Deus não está tão além que não possa manter nenhuma relação conosco e com nosso mundo. Da mesma forma, é verdadeiro que Deus é *imane*nte, e isso significa que ele está conosco. Veja uma pedra: Deus está presente. Veja uma pessoa: Deus está presente. Isso é, então, uma contradição? O teísmo é absurdo nessa questão? Penso que não.

Quando minha filha Carol tinha cinco anos, ensinou-me muito sobre isso. Ela e sua mãe estavam na cozinha e sua mãe a estava ensinando a respeito de Deus estar em todo lugar. Foi quando Carol perguntou: “Deus está na sala?”.

“Sim”, respondeu sua mãe.

“Ele está na cozinha?”

“Sim”, ela respondeu.

“Estou pisando em Deus?”

Subitamente minha esposa ficou muda. Mas veja a questão que foi levantada. Deus está *aqui* da mesma forma que uma pedra ou uma cadeira está aqui? Não, não exatamente. Deus é imane

nte, aqui, em todo lugar, num sentido completamente harmônico com sua transcendência. Porque Deus não é *matéria* como você e eu, mas Espírito. E ainda assim, ele está aqui. No livro de Hebreus, no Novo Testamento, Jesus Cristo é apresentado como “sustentando todas as cousas pela palavra do seu poder” (Hebreus 1:3). Isto é, Deus está além de tudo, apesar de tudo e sustentando tudo.

Deus é onisciente. Isto significa que Deus é todo-conhecedor. Ele é o alfa e o ômega e conhece o princípio desde o fim (Apocalipse 22:13). Ele é a fonte final de todo conhecimento e de toda inteligência. É *Aquele que conhece*. O autor do Salmo 139 expressa com extrema beleza seu espanto pelo fato de Deus estar em todo lugar, enchendo-o com sua presença — conhecendo-o, mesmo quando ele estava sendo formado no ventre de sua mãe.

Deus é soberano. Esta é, na verdade, uma ramificação adicional da infinitude de Deus, mas ela expressa mais completamente o interesse divino em governar e cuidar de todas as ações do seu universo. Ele expressa o fato de que nada está além do interesse final, do controle e da autoridade de Deus.

Deus é bom. Esta é a declaração primária sobre o caráter de Deus.⁶ Dele fluem todos os outros. Ser bom significa *ser* bom. Deus é bondade. Isto é, *o que* ele é, é bom. Não há nenhum sentido no qual a bondade ultrapasse Deus ou Deus ultrapasse a bondade. Como ser é a essência da sua natureza, a bondade é a essência do seu caráter.

A bondade de Deus é expressa de duas formas: através da santidade e através do amor. A santidade destaca sua absoluta justiça que não tolera nenhuma sombra do mal. Como disse o apóstolo João: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 João 1:5). A santidade de Deus é sua separação de tudo aquilo que tem o menor vestígio do mal.

⁶ Muitas pessoas ficam intrigadas com a questão do mal. Se a onisciência e a bondade são atributos de Deus, o que é o mal e por que ele existe? Para uma análise detalhada da questão, veja Peter Kreeft, *Making Sense out of Suffering* (Ann Arbor: Servant, 1986) e Henri Blocher, *Evil and the Cross* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994); discuto esta questão nos capítulos 12 e 13 do livro *Why Should Anyone Believe Anything at All?* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1994).

Mas a bondade de Deus também é expressa em amor. Na verdade, João diz “Deus é amor” (1 João 4:16), e isso conduz Deus para o auto-sacrifício e a expressão completa do seu favor a seu povo, chamado nas Escrituras Hebraicas de “ovelhas do seu pasto” (Salmo 100:3).

A bondade de Deus significa, então, primeiro, que há um padrão absoluto de justiça (ele é encontrado no caráter de Deus) e, segundo, que há esperança para a humanidade (porque Deus é amor e não abandonará sua criação). Essas observações combinadas tornar-se-ão especialmente significativas quando traçarmos os resultados de rejeitar a cosmovisão teísta.

2. Deus criou o cosmo ex nihilo para operar com a uniformidade de causa e efeito num sistema aberto.

Deus criou o cosmo *ex nihilo*. Deus é Aquele que é, e assim ele é a fonte de tudo mais. Apesar disso, é importante entender que Deus não fez o universo fora de si mesmo. Em especial, Deus chamou-o à existência. Ele veio a existir por sua palavra: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gênesis 1:3). Assim os teólogos dizem que Deus “criou” (Gênesis 1:1) o cosmo *ex nihilo* — fora do nada, não fora de si mesmo ou de algum caos preexistente (porque se o cosmo fosse realmente “preexistente”, seria tão eterno quanto Deus).

Segundo, Deus criou o cosmo como *uma uniformidade de causa e efeito num sistema aberto*. Esta frase é um resumo útil para dois conceitos-chave.⁷ Primeiro, ela significa que o cosmo não foi criado para ser caótico. Isaías declara isso de forma magnífica:

Porque assim diz o SENHOR que criou os céus, o único Deus, que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a fez para ser um caos, mas para ser habitada: eu sou o SENHOR e não há outro. Não falei em segredo, nem em lugar algum de trevas da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; eu, o SENHOR, falo a verdade, e proclamo o que é direito. (Isaías 45:18-19)

O universo é ordenado, e Deus não o apresenta a nós em confusão, mas em claridade. A natureza do universo de Deus e a natureza do caráter de Deus estão, assim, intimamente relacionadas. O mundo é como é pelo menos em parte porque Deus é o que é. Veremos mais adiante como a Queda qualifica essa observação. Aqui é suficiente observar que há uma ordem, uma regularidade no universo. Podemos esperar que a terra gire, assim o sol “se levantará” todo dia.

Mas outra noção importante está oculta neste resumo. O sistema está *aberto*, e isso significa que não está programado. Deus está constantemente envolvido no padrão de desdobramento de contínua atividade do universo. E assim somos como seres humanos! O curso de atividade do mundo está aberto ao reordenamento efetuado tanto por Deus como pelos seres humanos. Assim o encontramos dramaticamente reordenado na Queda. Adão e Eva fizeram uma escolha que teve tremendo significado. Mas Deus fez outra escolha ao redimir as pessoas através de Cristo.

⁷ A frase foi extraída de um livro de Francis A. Schaeffer, *He is There and He Is Not Silent* (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1972), p. 43. O Capítulo 8 de C. S. Lewis, *Miracles* (London: Fontana, 1960), p. 18, também contém uma excelente descrição do que está envolvido num universo aberto. Outras questões envolvendo uma compreensão cristã de ciência são discutidas em Del Ratzsch, *Philosophy of Science* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1986), e Nancy R. Pearcey e Charles Thaxton, *The Soul of Science* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1994).

A atividade do mundo é também reordenada por nossa contínua atividade após a Queda. Cada ação que tomamos individualmente, cada decisão para seguir uma ação em vez de outra, muda ou, em especial, “produz” o futuro. Jogando poluentes em rios de águas limpas, matamos os peixes e alteramos a maneira como nos alimentaremos nos anos vindouros. “Limpando” nossos rios, novamente alteramos o futuro. Se o universo não fosse ordenado, nossas decisões não teriam efeito. Se o curso dos acontecimentos fosse determinado, nossas decisões não teriam significado. Assim o teísmo declara que o universo é ordenado, mas não determinado. As implicações disso se tornam mais claras, quando discutimos o lugar da humanidade no cosmo.

3. *Os seres humanos são criados à imagem de Deus e assim possuem personalidade, autotranscendência, inteligência, moralidade, senso gregário e criatividade.*

A expressão-chave aqui é *imagem de Deus*, um conceito acentuado pelo fato de que ela ocorre três vezes num curto espaço de tempo em dois versos em Gênesis:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gênesis 1:26-27; compare Gênesis 5:3 e 9:6)

O fato de pessoas serem feitas à imagem de Deus significa que nós somos como Deus. Já observamos que Deus é como nós. Na verdade, as Escrituras dizem isso de outra maneira: *Nós somos como Deus* coloca a ênfase onde ela pertence — na primazia de Deus.

Somos pessoais porque Deus é pessoal. Isto é, reconhecemos a nossa existência (somos autoconscientes) e tomamos decisões sem coação (possuímos autodeterminação). Em outras palavras, somos capazes de atuar por nós mesmos. Não reagimos simplesmente ao nosso meio ambiente, mas podemos atuar de acordo com nosso próprio caráter, nossa própria natureza.

Dizemos que não existem duas pessoas iguais não só porque elas não compartilham exatamente a mesma hereditariedade e ambiente, mas porque cada um de nós possui um caráter único por meio do qual pensamos, desejamos, pesamos conseqüências, recusamo-nos a pesar conseqüências, perdoamos, recusamos o perdão, em suma, escolhemos agir.

Nisso cada pessoa reflete (como uma imagem) a transcendência de Deus sobre seu universo. Deus não está limitado pelo seu ambiente. Deus está limitado (podemos dizer) apenas pelo seu caráter. Deus, sendo bom, não pode mentir, enganar, agir com intenção maldosa e assim por diante. Mas nada externo a Deus pode constrangê-lo. Se ele escolheu restaurar um universo caído, foi porque “quis” fazê-lo, porque, por exemplo, o ama e quer o melhor para ele. Mas Deus é livre para fazer o que quer, e sua vontade está em sintonia com seu caráter (*Quem Ele é*).

Assim agimos *em parte* em uma transcendência sobre nosso meio ambiente. Exceto nos extremos da existência — na doença ou privação física (passar fome absoluta devido à intempérie, ficar preso na escuridão durante dias sem fim, por exemplo) — uma pessoa não é forçada a nenhuma reação necessária.

Pise no meu pé. Devo falar um palavrão? Deveria. Devo perdoá-lo? Deveria. Devo berrar? Deveria. Devo sorrir? Deveria. O que eu fizer refletirá meu caráter, mas sou “eu” que agirei e não reajo apenas como uma campainha que toca quando um botão é pressionado.

Em resumo, as pessoas têm personalidade e são capazes de transcender o cosmo no qual foram colocadas, no sentido de que podem conhecer alguma coisa desse cosmo e podem agir significativamente para mudar o curso, tanto dos acontecimentos humanos quanto dos eventos cósmicos. Essa é outra maneira de dizer que o sistema cósmico que Deus fez é *aberto* ao reordenamento dos seres humanos.

A personalidade é a principal coisa relacionada a nós, seres humanos. Penso que é justo dizer que ela é a principal coisa relacionada a Deus, que é infinito tanto em sua personalidade quanto em seu ser. Nossa personalidade está fundamentada na personalidade de Deus. Isso é, descobrimos nosso verdadeiro lar em Deus e no íntimo relacionamento com ele. “Há um vazio no formato de Deus no coração de todo homem”, escreveu Pascal. “Nossos corações não repousam até que encontrem repouso em ti”, escreveu Agostinho.

Como Deus completa nosso último desejo? Ele o faz de várias maneiras: sendo o perfeito complemento para nossa própria natureza, satisfazendo nosso desejo por um relacionamento interpessoal, sendo em sua onisciência o fim da nossa busca por conhecimento, sendo em seu infinito ser o refúgio de todos os temores, sendo em sua santidade o fundamento justo para a nossa busca por justiça, sendo em seu infinito amor a causa de nossa esperança por salvação, sendo em sua infinita criatividade a fonte de nossa imaginação criativa e a beleza final que buscamos refletir quando nós mesmos criamos.

Podemos resumir esse conceito do homem à imagem de Deus dizendo que, como Deus, temos *personalidade*, *autotranscendência*, *inteligência* (a capacidade de razão e conhecimento), *moralidade* (a capacidade de reconhecer e entender o bem e o mal), *senso gregário* ou capacidade social (nossa característica e desejo fundamental e necessidade por companheirismo humano — comunidade — especialmente representada pelo aspecto “macho” e “fêmea”) e *criatividade* (a habilidade de imaginar novas coisas ou dotar velhas coisas com significado humano).

Discutiremos a raiz da inteligência humana a seguir. Gostaria de comentar aqui sobre a criatividade humana — uma característica freqüentemente ignorada no teísmo popular. A criatividade humana nasce como reflexo da criatividade infinita do próprio Deus. Sir Philip Sidney (1554-1586) escreveu, certa vez, sobre o poeta que “foi alçado com o vigor da sua própria invenção, cresceu, com efeito, em outra natureza, fazendo coisas ou melhores do que a natureza revestida, ou completamente novas, formas tais que nunca vimos na natureza,... livremente dispostas dentro do zodíaco da sua própria sagacidade”. Honrar a criatividade humana, dizia Sidney, é honrar a Deus, pois Deus é o “Criador celestial daquele criador”.⁸ A atividade dos artistas dentro da cosmovisão teísta tem uma base sólida para o seu trabalho. Nada é mais libertador quando eles percebem que, por causa de sua semelhança com Deus, podem realmente inventar. A inventividade artística reflete a ilimitada capacidade de criação de Deus.

No teísmo cristão os seres humanos são realmente dignos. Nas palavras do salmista, eles são “um pouco menor do que Deus”, pois o próprio Deus os fez dessa maneira e os

⁸ Sir Philip Sidney, *The Defense of Poesy*. Veja também Dorothy L. Sayers, *The Mind of the Maker* (Nova York: Meridian, 1956); e J. R. R. Tolkien, “On Fairy Stories”, em *The Tolkien Reader* (Nova York: Ballantine, 1966), p. 37.

coroou “com glória e honra” (Salmo 8:5). A dignidade humana, de certa maneira, não é uma característica própria nossa; ao contrário de Protágoras, o homem não é a medida. A dignidade humana é derivada de Deus. Mesmo sendo derivada, as pessoas a possuem, não importa se como dom. Helmut Thielicke expressa essa verdade com propriedade: “Sua grandeza [do homem] repousa somente no fato de que Deus em sua incompreensível bondade concedeu seu amor sobre ele. Deus não nos ama porque somos valiosos; somos valiosos porque Deus nos ama.”⁹

Portanto, a dignidade humana tem dois lados. Como seres humanos, somos dignificados, mas isso não é motivo de orgulho, pois se trata de uma dignidade nascida como reflexo da Dignidade Final. Todavia, ela é um reflexo. Assim, as pessoas que são teístas vêem a si mesmas como uma espécie de centro — acima do resto da criação (pois Deus deu a elas domínio sobre a criação — Gênesis 1:28-30 e Salmo 8:6-8) e abaixo de Deus (pois as pessoas não são autônomas).

Esse é, então, o ideal equilibrado do *status* humano. É errando em permanecer nesse equilíbrio que nossos problemas surgem, e a história de como isso aconteceu é, em grande parte, a história do teísmo cristão. Mas antes de vermos o que desequilibrou este balanceado estado da humanidade, precisamos entender uma implicação adicional de ser criado à imagem de Deus.

4. Os seres humanos podem conhecer tanto o mundo à sua volta quanto o próprio Deus, porque Deus os proveu com essa capacidade e assumiu um papel ativo na comunicação com eles.

A base do conhecimento humano é o caráter de Deus como criador. Somos feitos à sua imagem (Gênesis 1:27). Como ele é o todo-conhecedor de todas as coisas, assim podemos ser algumas vezes os sagazes conhecedores de algumas coisas. O Evangelho de João coloca esse conceito desta maneira:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens. (João 1:1-4).

A Palavra (no grego *logos*, da qual veio a nossa palavra lógica) é eterna, um aspecto do próprio Deus.¹⁰ Isso significa que a lógica, a inteligência, a racionalidade, todas elas são inerentes a Deus. É fora dessa inteligência que o mundo, o universo, veio a existir. E, portanto, por causa dessa origem, o universo tem estrutura, ordem e sentido.

Além disso, na Palavra, essa inteligência inerente é a “luz dos homens”, luz que no livro de João é um símbolo para a capacidade moral e a inteligência. O verso 9 acrescenta que a Palavra é “a verdadeira luz... que ilumina a todo homem”. A própria inteligência de Deus é, assim, a base da inteligência humana. O conhecimento é, portanto, possível,

⁹ Helmut Thielicke, *Nihilism*, trad. de John W. Doberstein (London: Routledge and Kegan Paul, 1962), p. 110.

¹⁰ A palavra *logos* como usada em João e em outros locais tem um rico contexto de significado. Veja, por exemplo, J. N. Birdsall, “Logos”, em *New Bible Dictionary*, 3ª ed. (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996), pp. 693-94.

porque há algo para ser conhecido (Deus e sua criação) e alguém para saber (o Deus onisciente e os seres humanos feitos à sua imagem).¹¹

É claro que o próprio Deus está para sempre tão além de nós que não podemos ter nada parecido com uma compreensão total dele. Na verdade, se Deus desejasse, ele poderia permanecer para sempre oculto. Mas Deus quer que nós o conheçamos, e para isso ele tomou a iniciativa nessa transferência de conhecimento.

Em termos teológicos essa iniciativa é chamada de revelação. Deus se revela ou deixa de revelar-se para nós de duas maneiras básicas: (1) pela revelação geral e (2) pela revelação especial. Na revelação geral Deus fala através da ordem criada do universo. O apóstolo Paulo escreveu: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Romanos 1:19-20). Séculos antes de Paulo, o salmista escreveu:

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. (Salmo 19:1-2)

Em outras palavras, a existência de Deus e sua natureza como Criador e mantenedor poderoso do universo são reveladas nas “obras das suas mãos”, seu universo. Ao contemplar essa magnitude — seu ordenamento e sua beleza —, podemos aprender muito sobre Deus. Quando nos voltamos do imenso universo e olhamos para a humanidade, vemos algo mais, pois os seres humanos acrescentam a dimensão da personalidade. Deus, portanto, deve ser pelo menos tão pessoal como somos.

Dessa forma remota a revelação geral pode prosseguir, mas não tanto. Como Tomás de Aquino disse, poderíamos saber que Deus existe através da revelação geral, mas nunca poderíamos saber que Deus é triúno, exceto por uma revelação especial.

Revelação especial é Deus se descobrindo a si mesmo em caminhos sobrenaturais. Ele não apenas revelou a si mesmo aparecendo em formas espetaculares, tais como uma sarça que ardia mas não se consumia, como também falou ao povo na sua própria linguagem. Para Moisés ele definiu a si mesmo como “Eu sou o que sou” e identificou-se como o mesmo Deus que tinha atuado antes em defesa do povo hebreu. Ele chamou a si mesmo de o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó (Êxodo 3:1-17). Na verdade, nessa passagem, Deus continuou um diálogo com Moisés, em que uma comunicação genuína de mão dupla aconteceu. Esta é uma maneira em que a revelação especial ocorreu.

A seguir, Deus entregou a Moisés os Dez Mandamentos e revelou um longo código de leis por meio do qual os hebreus poderiam ser governados. Deus ainda se revelou aos profetas num grande número de trilhas da vida. Sua palavra veio a eles, e eles a registraram para a posteridade. O escritor da carta aos Hebreus, no Novo Testamento, resumiu desta maneira: “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas” (Hebreus 1:1). Em todos esses casos, as revelações para Moisés, Davi e aos vários profetas foram por mandamentos de Deus escritas e guardadas para serem lidas repetidamente para o povo (Deuteronômio 6:4-8; Salmo

¹¹ Para um estudo mais extensivo da epistemologia de uma perspectiva cristã, veja Arthur F. Holmes, *All Truth Is God's Truth* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1977); David L. Wolfe, *Epistemology* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1982); e os caps. 5-6 do meu livro *Discipleship of the Mind*.

119). Os escritos cumulativos cresceram até formarem o Velho Testamento, que foi confirmado pelo próprio Jesus como uma revelação precisa e autorizada de Deus.¹²

O escritor da carta aos Hebreus não termina com o resumo da revelação de Deus no passado. Ele continua dizendo: “Nestes últimos dias nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as cousas... Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” (Hebreus 1:2-3). Jesus Cristo é a revelação final e especial de Deus. Porque Jesus Cristo era verdadeiramente Deus, ele nos mostrou mais plenamente com quem Deus era semelhante do que qualquer outra forma de revelação. Porque Jesus foi também completamente homem, ele falou mais claramente a nós do que pode fazê-lo qualquer outra forma de revelação.

Mais uma vez a abertura do Evangelho de João é relevante. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Isso é, a Palavra é Jesus Cristo. “E vimos a sua glória”, João continua, “glória como do unigênito do Pai”. Jesus fez Deus conhecido para nós em termos realmente carnis.

A principal questão para nós é que o teísmo declara que Deus pode comunicar-se claramente conosco e o tem feito. Em razão disso, podemos conhecer muito sobre quem Deus é e o que ele deseja para nós. Isso é verdadeiro para as pessoas de todas as épocas e de todos os lugares, mas é especialmente verdadeiro antes da Queda, à qual agora nos voltamos.

5. Os seres humanos foram criados bons, mas pela Queda, a imagem de Deus foi desfigurada, embora não completamente arruinada a ponto de não ser possível de restauração; pela obra de Cristo, Deus redimiu a humanidade e começou o processo de restauração das pessoas para a bondade, embora qualquer pessoa possa escolher rejeitar essa redenção.

A “história” humana pode ser entendida em quatro palavras — *criação, Queda, redenção, glorificação*. Já vimos as características humanas essenciais. A estas devemos acrescentar que os seres humanos e todo o resto da criação foram criados e considerados bons. Como registra o Gênesis: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gênesis 1:31). Pois se Deus, por seu caráter, estabelece os padrões de justiça, a bondade humana consiste em ser o que Deus queria que as pessoas fossem — seres criados à imagem de Deus e atuando segundo essa natureza na sua vida diária. A tragédia é que nós não continuamos da forma como fomos criados.

Com vimos, os seres humanos foram criados com a capacidade de autodeterminação. Deus lhes deu a liberdade de permanecer ou não num relacionamento íntimo à imagem do original. † Como Gênesis 3 registra, o casal original, Adão e Eva, escolheu desobedecer a seu Criador na única questão em que o Criador colocou limitações. Esta é a essência da história da Queda. Adão e Eva escolheram comer o fruto que Deus lhes havia proibido comer, e então eles violaram o relacionamento pessoal que tinham com seu Criador.

Da mesma maneira as pessoas de todas as eras têm tentado organizar-se como seres autônomos, árbitros de sua própria maneira de viver. Elas escolheram atuar como se

¹² Veja John Wenham, *Christ and the Bible*, 2ª ed. (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1984).

† Nota do site: A rigor, em nenhum lugar a Bíblia ensina que as decisões humanas são independentes da influência divina. Antes, o atributo da soberania implica um absoluto controle de todos os eventos na criação, mesmo as decisões e os pensamentos humanos, por parte de Deus.

tivessem uma existência independente de Deus. Mas isso é precisamente o que elas não têm, pois devem tudo — tanto sua origem como sua existência contínua — a Deus.

O resultado desse ato de rebelião foi a morte para Adão e Eva. E a morte deles envolveu as gerações subseqüentes durante séculos de confusão pessoal, social e natural. Num breve resumo, podemos dizer que a imagem de Deus no homem foi desfigurada em todos os seus aspectos. Em termos de *personalidade*, perdemos nossa capacidade de conhecer a nós mesmos com precisão, e de determinar nosso próprio curso de ação livremente em resposta à nossa inteligência.

Nossa *autotranscendência* foi debilitada pela alienação que experimentamos em relação a Deus, porque, como Adão e Eva se voltaram contra Deus, Deus os deixou ir. E como nós, espécie humana, escapamos do íntimo companheirismo com a transcendência única e final, assim também perdemos nossa capacidade de supervisionar o universo externo, entendê-lo, julgá-lo com precisão bem como tomar decisões verdadeiramente “livres”. Pelo contrário, a humanidade tornou-se mais um serviçal da natureza do que de Deus. E nosso *status* como vice-regentes de Deus sobre a natureza (um aspecto da imagem de Deus) foi revertido.

A *inteligência* humana também ficou debilitada. Agora não podemos mais conquistar um conhecimento completamente preciso do mundo à nossa volta, nem somos capazes de pensar sem constantemente cairmos em erro. *Moralmente*, nós nos tornamos menos capazes de discernir o bem e o mal. *Socialmente*, começamos a explorar outras pessoas. *Criativamente*, nossa imaginação se separou da realidade; a imaginação tornou-se ilusão, e artistas que criaram deuses à sua própria imagem levaram a humanidade cada vez mais longe da sua origem. O vazio em cada alma humana criado por essa cadeia de conseqüências é realmente nefasto. (A mais completa expressão bíblica dessas idéias está nos dois primeiros capítulos de Romanos).

Os teólogos têm resumido desta maneira: tornamo-nos alienados de Deus, dos outros, da natureza e até de nós mesmos. Essa é a essência da humanidade *caída*.¹³

Mas a humanidade é passível de remissão e tem sido remida. A história da criação e Queda é contada em três capítulos do Gênesis. A história da redenção toma todo o resto das Escrituras. A Bíblia registra o amor de Deus por nós, sempre nos buscando, encontrando-nos em nossa perdição e condição alienada e redimindo-nos pelo sacrifício do seu próprio Filho, Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Trindade. Deus, num favor imerecido e de tremenda graça, nos oferece a possibilidade de uma nova vida, uma vida envolvendo cura substancial das nossas alienações e restauração da amizade com Deus.

Apesar de Deus ter providenciado um caminho de volta para nós, isso não significa que participamos de um jogo sem regras. Adão e Eva não foram forçados a cair. Não somos forçados a retornar. Embora não seja o propósito desta descrição do teísmo tomar partido numa famosa disputa dentro do teísmo cristão (predestinação *versus* livre-arbítrio), é necessário observar que os cristãos não concordam sobre precisamente qual papel Deus assume e qual papel ele nos deixa representar. Mesmo assim, a maioria concordaria que Deus é o agente primário da salvação. Nossa função é responder com o arrependimento por nossas atitudes e atos errôneos, aceitar as provisões de Deus e seguir a Cristo como SENHOR e Salvador.

¹³ Veja, por exemplo, a discussão a respeito da Queda e de seus efeitos no livro *Genesis in Space and Time*, de Francis A. Schaeffer (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1972), pp. 69-101.

A humanidade *redimida* é a humanidade no processo de restauração da imagem desfigurada de Deus, em outras palavras, cura substancial em toda área da vida — personalidade, autotranscendência, inteligência, moralidade, capacidade social e criatividade. A humanidade *glorificada* é a humanidade totalmente curada e em paz com Deus, formada por indivíduos em paz com os outros e consigo mesmos. Mas isso acontece somente no outro lado da morte e da ressurreição corporal cuja importância é acentuada por Paulo em 1 Coríntios 15. A pessoa como indivíduo é tão importante que ela retém uma unicidade — uma existência pessoal e individual para sempre. A humanidade glorificada é a humanidade transformada numa personalidade purificada em comunhão com Deus e com o povo de Deus. Em resumo, no teísmo os seres humanos são vistos como significativos porque são essencialmente semelhantes a Deus e, embora caídos, podem ser restaurados à dignidade original.

6. Para cada pessoa, a morte é ou o portão para a vida com Deus e seu povo ou o portão para a separação eterna da única coisa que completaria, em última instância, as aspirações humanas.

O significado da morte é realmente parte da suposição 5, mas ele é destacado aqui porque as várias atitudes com relação à morte são muito importantes em cada cosmovisão. O que acontece quando uma pessoa morre? Vamos colocar isso em termos pessoais, porque este aspecto da cosmovisão de alguém é realmente muito pessoal. Eu desapareço — extinção pessoal? Eu hiberno e retorno numa forma diferente — reencarnação? Eu continuo numa existência transformada no céu ou no inferno?

O teísmo cristão claramente ensina a última opção. Na morte, as pessoas são transformadas. Ou elas entram numa existência com Deus e seu povo — uma existência *glorificada* —, ou entram numa existência para sempre separada de Deus, sustentando sua unicidade em horrorosa solidão, precisamente longe daquilo que a completaria.

Isso é a essência do inferno. G. K. Chesterton observou certa vez que o inferno é um monumento à liberdade humana e, podemos acrescentar, à dignidade humana. O inferno é o tributo de Deus à liberdade que ele deu a cada um de nós para que escolhêssemos a quem serviríamos; é um reconhecimento de que nossas decisões têm um significado que se estende para além do âmbito da infinitude.¹⁴

Aqueles, porém, que respondem à oferta de Deus para a salvação das pessoas no plano da eternidade como criaturas gloriosas de Deus — completas, realizadas, mas não saciadas, comprometem-se com o regozijo eterno da comunhão dos santos. As Escrituras oferecem poucos detalhes sobre essa existência, mas seus vislumbres do céu em Apocalipse 4-5 e 21, por exemplo, criam expectativas de esperança cristã a serem cumpridas além dos seus mais arraigados desejos.

7. A ética é transcendente e está baseada no caráter de Deus como bom (santo e amoroso).

Essa proposição já foi considerada como uma implicação da proposição 1. Deus é a fonte do mundo moral, assim como do mundo físico. Deus é o bem e expressa isso nas leis de princípios morais que revelou na Escritura.

Feitos à imagem de Deus, somos essencialmente seres morais, e assim não podemos deixar de usar categorias morais para sustentar nossas ações. É claro, nosso senso de

¹⁴ Para uma continuação do ensinamento bíblico sobre este assunto, veja John Wenham, *The Enigma of Evil* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1985), pp. 27-41.

moralidade foi violado pela Queda, e agora apenas de forma imperfeita refletimos o verdadeiro bem. Todavia, mesmo em nossa relatividade moral, não podemos livrar-nos do senso de que algumas coisas são “certas” ou “naturais” e outras não. Durante anos, a homossexualidade foi considerada imoral pela maior parte da sociedade. Agora essa mesma maioria não questiona mais sua imoralidade. Ela o faz, não sobre a base de que nenhuma categoria moral existe, mas de que esta área — a homossexualidade — na verdade deve ter estado do outro lado da linha que divide o moral do imoral. Os homossexuais geralmente não perdoam o incesto! Assim, o fato de que pessoas diferem em seu julgamento moral, em nada altera o fato de que continuamos a criar, respeitar e violar julgamentos morais. Todos vivem num universo moral e, na prática, todos — se refletirem bem sobre isso — reconhecerão esse fato e não terão alternativa.

O teísmo, contudo, ensina que há não apenas um universo moral, mas um padrão absoluto pelo qual todos os julgamentos morais são medidos. O próprio Deus — seu caráter de bondade (santidade e amor) — é o padrão. Além disso, cristãos e judeus sustentam que Deus revelou seu padrão nas várias leis e princípios expressos na Bíblia. Os Dez Mandamentos, o Sermão da Montanha, os ensinamentos éticos do apóstolo Paulo — nestas e em muitas outras formas Deus expressou seu caráter para nós. Há, portanto, um padrão de certo e errado, e as pessoas que querem saber isso podem conhecê-lo.

A mais completa personificação do bem, contudo, é Jesus Cristo. Ele é o homem completo, a humanidade como Deus gostaria que fosse. Paulo o chama de segundo Adão (1 Coríntios 15:45-49). Em Jesus vemos a genuína vida encarnada. A genuína vida de Jesus foi supremamente revelada em sua morte — um ato de infinito amor, pois, como Paulo diz: “Dificilmente alguém morreria por um justo... Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:7-8). E o apóstolo João confirma: “Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 João 4:10).

Assim, a ética, quando muito um domínio humano, é, no final das contas, um negócio de Deus. Não somos a medida da moralidade. Deus é.

8. A história é linear, uma seqüência de eventos que convergem para o cumprimento dos propósitos de Deus para a humanidade.

A história ser linear significa que as ações das pessoas — tão confusas e caóticas quanto possam parecer — são, apesar de tudo, parte de uma seqüência significativa que tem início, meio e fim. A história é não reversível, não repetitiva, não cíclica; a história não é desprovida de significado. Pelo contrário, a história é teleológica, e caminha para algum lugar, em direção a um fim conhecido. O Deus que conhece o fim desde o começo é conhecedor e soberano sobre as ações da espécie humana.

Vários momentos importantes no curso da história são singulares, merecendo atenção especial dos escritores da Bíblia; eles formam o cenário para a compreensão teísta dos seres humanos no tempo. Esses momentos decisivos incluem a Criação, a Queda, a revelação de Deus para os hebreus (que inclui o chamado de Abraão de Ur para Canaã, o êxodo do Egito, a outorga da Lei, o testemunho dos profetas), a Encarnação, a vida de Jesus, a Crucificação e a Ressurreição, o Pentecostes, a divulgação das boas novas através da igreja, a Segunda Vinda de Cristo e o Julgamento. Essa é uma lista ligeiramente detalhada dos eventos comparados ao padrão de vida do homem: criação, Queda, redenção, glorificação.

Vista dessa maneira, a história em si é uma forma de revelação. Isto é, não apenas faz Deus revelar-se a si mesmo na história (*aqui, lá, depois*), mas a própria seqüência de eventos é revelação. Alguém pode dizer, portanto, que a história (especialmente quando localizada no povo judeu) é um registro do envolvimento e interesse de Deus nos eventos humanos. A história é o propósito divino de Deus na forma concreta.

Esse modelo, claro, é dependente da tradição cristã. Ele não parece, à primeira vista, levar em conta outros povos além dos judeus e cristãos. Todavia, o Velho Testamento tem muito para dizer sobre as nações que circundavam Israel e outros povos que temiam a Deus (povos não-judeus que adotavam a crença judaica e foram considerados parte da promessa de Deus). O Novo Testamento ressalta muito mais a dimensão internacional dos propósitos de Deus e seu reino.

A *revelação* dos desígnios de Deus acontece primariamente através de um povo — os judeus. Enquanto podemos dizer com William Ewer: “Quão estranho / Da parte de Deus / Escolher / Os judeus”, devemos não pensar nisso como se indicasse um favoritismo da parte de Deus. Pedro disse: “Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” (Atos 10:34).

Os teístas antecipam, então, a história sendo encerrada pelo julgamento e pela inauguração de uma nova era além do tempo. Mas antes dessa nova era, o tempo é irreversível e a história está localizada no espaço. Esse conceito precisa ser acentuado, uma vez que difere dramaticamente das noções tipicamente orientais. Para muitos no Oriente, o tempo é uma ilusão; a história é eternamente cíclica. A reencarnação traz a alma de volta no tempo repetidas vezes; o progresso na jornada da alma é longo, árduo e talvez eterno. Porém, segundo o teísmo cristão, “aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disso, o juízo” (Hebreus 9:27). As escolhas individuais têm sentido para essa pessoa, para os outros e para Deus. A história é o resultado daquelas escolhas que, sob a soberania de Deus, cumprem os propósitos do Criador para este mundo.

Em resumo, o mais importante aspecto do conceito teísta da história é que a história tem sentido porque Deus — o Logos (significando ele mesmo) — está por trás de todos os eventos, não apenas “sustentando o universo pela palavra do seu poder” (Hebreus 1:3), mas também “todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8:28). Por trás do aparente caos de eventos, está o Deus amoroso suprindo a todos.

A Grandeza de Deus

Deveria estar bem claro, agora, que o teísmo cristão depende, primariamente, de seus conceitos de Deus, porque o teísmo sustenta que tudo deriva de Deus. Nada o antecede ou a ele se iguala. Ele é *Aquele que é*. Assim, o teísmo tem uma base para a metafísica. Uma vez que *Aquele que é* também tem um caráter digno e é assim *O Único Digno*, o teísmo tem uma base para a ética. Uma vez que *Aquele que é* também é *Aquele que Conhece*, o teísmo tem uma base para a epistemologia. Em outras palavras, o teísmo é uma cosmovisão completa.

Assim, a grandeza de Deus é a doutrina central do teísmo cristão. Quando uma pessoa tem esse conhecimento e conscientemente o aceita e age com base nele, esse conceito central é a rocha, o ponto transcendente de referência que dá sentido à vida e faz das alegrias e pesares da existência diária sobre o planeta Terra momentos significativos,

num desdobramento do drama em que a pessoa espera participar por toda a eternidade, não sempre com pesares, mas algum dia somente com alegria. Mesmo agora, de qualquer forma, o mundo, como Gerard Manley Hopkins escreveu certa vez, “está impregnado com a grandeza de Deus”.¹⁵ Há “insinuações de Deus em muitas formas diárias”, sinais para nós de que Deus não está apenas num paraíso distante, mas conosco — sustentando-nos, amando-nos e cuidando de nós.¹⁶ O cristão teísta plenamente ciente, portanto, não apenas crê e proclama essa visão como verdadeira. Seu primeiro ato está direcionado a Deus — uma resposta de amor, obediência e louvor ao SENHOR do Universo — seu criador, mantenedor e, através de Jesus Cristo, seu redentor e amigo.

¹⁵ “God’s Grandeur”, em *The Poems of Gerard Manley Hopkins*, 4ª ed., eds. W. H. Gardner e N. H. MacKenzie (New York: Oxford University Press, 1967), p. 66.

¹⁶ Saul Bellow, *O Planeta do Sr. Sammler*, trad. Denise Vreuls (São Paulo: Abril Cultural, 1982), p. 216.